



A LINGUAGEM COMO CONDIÇÃO DA COMPREENSÃO

Language as a condition of comprehension

LIMA, Claudia M. França¹; BRUTTI, Tiago A.²; DORNELES, Elizabeth F.³;
JUNGES, Ionathan⁴

Resumo: Esta pesquisa, ao tematizar a condição humana e a arte do texto, associa-se ao entendimento segundo o qual nossa compreensão, não obstante essa consciência somente seja possível no interior de uma complexa e singular configuração, só é possível na e pela linguagem, a “casa do ser”. A linguagem opera intersubjetivamente, sugerindo polissêmicas interpretações de mundo e de subjetividade. Nesse meio entre os seres de linguagem é que se notabilizam possibilidades de relação, familiarizando-se interpretações as mais plurais, o que torna possível organizar um mundo comum. Compreendemos que os sentidos e estruturas que viabilizam o conhecimento humano não devem ser supostos como decorrentes, simplesmente, de códigos preestabelecidos ou de apostas inexoráveis que tenham se sedimentado historicamente como as melhores escolhas, a tal ponto que pudessem essas decorrências presumidas, por si sós, nos autorizarem a dispensar justificativas reciprocamente aceitáveis nas peculiares circunstâncias em que a cada vez interpretamos o contexto de vivências no nosso próprio tempo e espaço.

Palavras-chave: Virada linguística. Condição humana. Compreensão.

Abstract: This research, by thematizing the human condition and the art of the text, is associated with the understanding according to which our comprehension, although this consciousness is only possible within a complex and singular configuration, is only possible in and through language, "Home of being". Language operates intersubjectively, suggesting polysemic interpretations of world and subjectivity. In this environment among the beings of language is that the possibilities of relation are notable, familiarizing themselves with interpretations as plural, which makes it possible to organize a common world. We understand that the senses and structures that make human knowledge viable are not to be presumed to

¹ Acadêmica do Curso de Direito da UNICRUZ. Bolsista do projeto de pesquisa PROBIC/FAPERGS “Linguagem, compreensão e consciência histórica”. Estudante vinculada ao Grupo de Pesquisa Jurídica em Cidadania, Democracia e Direitos Humanos – GPJur. Participante do Círculo de Leitura de Clássicos da Filosofia. E-mail: claudialimaff@gmail.com.

² Professor no Curso de Direito e no PPG em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da UNICRUZ. Doutor em Educação nas Ciências pela UNIJUÍ e pós-doutor em Filosofia pela UNIOESTE. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Jurídica em Cidadania, Democracia e Direitos Humanos – GPJur. Coordenador do projeto de pesquisa PROBIC/FAPERGS “Linguagem, compreensão e consciência histórica”. E-mail: tbrutti@unicruz.edu.br.

³ Professora no Curso de Pedagogia e no PPG em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da UNICRUZ. Doutora em Letras pela UFRGS. E-mail: edorneles@unicruz.edu.br.

⁴ Licenciado em Filosofia pela UFSM. Acadêmico do Curso de Direito da UNICRUZ. Bolsista no PIBIC/CNPq “Circunstâncias e repercussões da perspectiva da pós-modernidade nas dimensões da tecnologia, da cibercultura e do ciberespaço”. Participante do Círculo de Leitura de Clássicos da Filosofia. E-mail: ionathanjunges@yahoo.com.br.



derive simply from preestablished codes or inexorable bets that have historically been sedimented as the best choices to such an extent that these presumed consequences, authorize us to dispense with reciprocally acceptable justifications in the peculiar circumstances in which we interpret the context of experiences in our own time and space.

Keywords: Linguistic turn. Human condition. Comprehension.

Introdução

O propósito deste texto é buscar compreender, sob a perspectiva da hermenêutica filosófica, as implicações do “giro linguístico” na teoria do conhecimento e descrever uma parcela do repertório narrativo e argumentativo de textos referenciais da filosofia da linguagem, a partir de autores tais como Palmer (1996), Gadamer (1998) e Ricoeur (1990). Ao reconhecer que a linguagem é que permite a compreensão, admitimos a precariedade e a falibilidade de qualquer iniciativa destinada a descrever a totalidade dos eventos que no curso do tempo nos afetam. Ao lado disso, ressaltamos nesta pesquisa o distanciamento característico do texto, seja em relação ao seu próprio autor, seja em relação aos leitores que, interpelados diante do texto, passam a interpretá-lo.

Metodologia

A investigação utiliza, predominantemente, referências bibliográficas, tanto na abordagem como na exposição do problema. A metodologia aplicável à pesquisa é qualitativa. Cassel e Symon (1994) estimam que, dentre outras características, a pesquisa qualitativa implica o “reconhecimento do impacto do processo de pesquisa sobre a situação de pesquisa: admite-se que o pesquisador exerce influência sobre a situação de pesquisa e é por ela também influenciado” (p. 129).

Ao selecionar uma coleção de referências e uma “constelação de conceitos” essenciais para a produção textual, esta pesquisa requer um tratamento no sentido de interpretar a dinamicidade da realidade dos objetos de estudo. Gadamer (1998), um dos principais pensadores da hermenêutica filosófica, destaca que a consciência histórica está ligada à consciência da historicidade de tudo aquilo que consideramos presente e ao reconhecimento da relatividade de qualquer opinião. A consciência histórica, segundo o filósofo, difere na modernidade do modo pelo qual anteriormente o passado se apresentava a um povo ou a uma época. Essa consciência moderna passou a questionar com mais intensidade uma tradição



fechada sobre si mesma e a reconhecer a possibilidade de uma múltipla relatividade de pontos de vista. É preciso superar de modo consequente a ingenuidade natural que nos leva a julgar o passado pelas medidas supostamente evidentes de nossa vida atual, com relação à perspectiva de nossas instituições, de nossos valores e verdades adquiridos.

A extensão e a diversidade das posições dos autores estudados agravam o risco de um simples ecletismo e, ao mesmo tempo, o da dispersão. Sabendo desse risco, busca-se seguir o pressuposto gadameriano de prestar contas à tradição dos conceitos e dos sentidos constituídos.

Resultados e discussões

Palmer (1996) entende que as raízes da palavra hermenêutica residem no verbo grego *hermeneuein*, usualmente traduzido por “interpretar”, e no substantivo *hermeneia*, “interpretação”. Uma exploração da origem destas duas palavras e das três orientações significativas básicas que elas veicularam no seu antigo uso esclarece consideravelmente a natureza da interpretação em teologia e em literatura e servirá no atual contexto de introdução válida para a compreensão da hermenêutica moderna.

Hermeneuein e *hermeneia*, nas suas várias formas, aparecem muitas vezes em muitos dos textos que nos vieram da Antiguidade. Aristóteles no *Organon* considerou que o tema merecia um tratado importante, o famoso *Peri hermeneias*, “Da interpretação”. A palavra aparece na sua forma substantiva em “Édipo em Colono”, e muitas vezes em Platão (PALMER, 1996).

A palavra grega *hermeios* referia-se ao sacerdote do oráculo de Delfos. Esta palavra, o verbo *hermeneuein* e o substantivo *hermeneia*, mais comuns, remetem para o deus-mensageiro-alado Hermes, de cujo nome as palavras aparentemente derivaram (ou vice-versa?). É significativo que Hermes se associe a uma função de transmutação – transformar tudo aquilo que ultrapassa a compreensão humana em algo que essa inteligência consiga compreender. As várias formas da palavra sugerem o processo de trazer uma situação ou uma coisa, da inteligibilidade à compreensão. Os gregos atribuíam a Hermes a descoberta da linguagem e da escrita – as ferramentas que a compreensão humana utiliza para chegar ao significado das coisas e para transmiti-lo aos outros (PALMER, 1996).



Este processo de “tornar compreensível”, associado a Hermes enquanto ele é mediador e portador de uma mensagem, está implícito nas três vertentes básicas patentes no significado de *hermeneuein* e *hermeneia*, no seu antigo uso. Essas orientações, usando a forma verbal (*hermeneuein*) para fins exemplificativos, significam: 1) exprimir em voz alta, ou seja, “dizer”; 2) explicar, como quando se explica uma situação, e 3) traduzir, como na tradução de uma língua estrangeira (PALMER, 1996).

Os três significados podem ser expressos pelo verbo português “interpretar”, e no entanto cada um representa um sentido independente e relevante do termo interpretação. A interpretação pode, pois, referir-se a três usos bastante diferentes: uma recitação oral, uma explicação racional e uma tradução de outra língua. Podemos, no entanto, notar que o “processo Hermes” originário, está em ação: nos três casos, há algo de diferente, de estranho e de separado no tempo, no espaço ou na experiência, que se torna familiar, presente ou compreensível; há algo que requer representação, explicação ou tradução e que é, de certo modo, “tornado compreensível”, “interpretado” (PALMER, 1996).

A linguagem, para o filósofo Gadamer (2010), não deve ser equiparada a um instrumento ou ferramenta, isso porque em todo o conhecimento de nós mesmos e do mundo sempre já fomos tomados pela nossa própria linguagem, que sempre já nos ultrapassou. Um vestígio de nossa finitude pode ser encontrado, segundo o filósofo, no fato de que em todos os nossos pensamentos e conhecimentos sempre já fomos precedidos pela interpretação do mundo feita na linguagem. Daí que a consciência do indivíduo não constitui um parâmetro para medir o ser da linguagem, que é caracterizado pela ausência de um eu, pertencente à esfera do nós, tanto que quem fala uma língua por ninguém mais compreendida simplesmente não fala, justamente porque falar significa falar a alguém e ser compreendido.

O que constitui o mundo comum, para Gadamer (2010), é o que se diz na linguagem, na qual vivemos e onde se insere a grande corrente da tradição que nos alcança por meio da literatura. A linguagem, nesse sentido, é aquilo que adentramos quando a ouvimos: o dito, cuja verdade não reside nele tão somente, senão que remete amplamente ao que não é dito. Gadamer avalia que todo enunciado é motivado, quer dizer, que para tudo que é dito podemos ainda perguntar: “Por que dizes isso?”. Daí que um enunciado só é compreensível quando no dito compreende-se também o não dito. Em outras palavras, uma pergunta da qual não sabemos a motivação não pode ser respondida, pois é só a história da motivação da pergunta que abre o âmbito a partir do qual pode-se procurar e dar uma resposta. Assim, tanto no



perguntar quanto no responder dá-se um diálogo infinito em cujo espaço se dão palavra e resposta, e tudo que é dito encontra-se nesse espaço. Para o filósofo, a linguagem é o centro do ser humano quando considerada no âmbito da convivência humana, do entendimento, do consenso, tão indispensáveis à vida humana quanto o ar que respiramos.

O mundo, tal como ele se nos apresenta, é configurado por nossas interpretações, as quais se movem dentro de uma compreensão do ser que habita a linguagem. Gadamer (2010) aponta que o intérprete carrega para dentro de sua interpretação tanto a si mesmo quanto a seus próprios conceitos. Denuncia que para a teoria dos signos as palavras e os conceitos são tomados como instrumentos disponíveis ou que se devem pôr à disposição, o que não está à altura da grandeza do fenômeno hermenêutico. O intérprete não se serve das palavras e dos conceitos como o artesão que apanha e deixa de lado suas ferramentas. O filósofo refuta as teorias que se negam a aceitar a unidade interna de palavra e coisa e persuade a reconhecer que toda compreensão está intimamente entretecida por conceitos. O que vem à fala é, para Gadamer, algo diferente da própria palavra falada. Mas a palavra só é palavra em virtude do que nela vem à fala. Só se faz presente em seu próprio ser sensível para subsumir-se no que é dito. Inversamente, também o que vem à fala não é algo dado de antemão e desprovido de fala, mas recebe, na palavra, sua própria determinação.

Ricoeur (1990) assinala, por sua vez, em relação ao texto, que uma de suas características mais essenciais é o distanciamento seja com relação ao seu próprio autor, seja com relação aos leitores que, interpelados diante do texto, passam a interpretá-lo. A compreensão humana está ligada aos sinais de humanidade depositados nas obras de cultura. O filósofo questiona, mais para reforçar seu argumento, o que se saberia do amor, do ódio e dos sentimentos éticos se não fossem referidos à linguagem e articulados pela literatura. Justamente o que parecia mais contrário à subjetividade, a textura do texto, agora aparece como o próprio “médium”, indispensável, em que o sujeito humano compreende a si mesmo.

O texto passa a ser, nos marcos dessa compreensão, mais que um caso particular de comunicação inter-humana, mas o próprio paradigma do distanciamento na comunicação. Ou seja, o distanciamento no texto não constitui simplesmente um problema para a interpretação, senão que uma condição da interpretação. Na opinião de Ricoeur (1990), a interpretação é a réplica desse distanciamento fundamental constituído pela objetivação do homem em suas obras de discurso, comparáveis à sua objetivação nos produtos de seu trabalho e de sua arte. A escrita, nesse sentido, torna o texto autônomo em relação à intenção do autor, ou seja, o que o



texto significa não coincide mais com aquilo que o autor quis dizer. Com isso, significação verbal e significação mental tem, a partir da escrita, destinos diferentes. No horizonte dessa compreensão, o texto deve, tal como acontece no ato de ler, poder descontextualizar-se de maneira a deixar-se recontextualizar numa nova situação.

Ricoeur (1990) argumenta que o que deve ser interpretado no texto é uma proposição de mundo, de um mundo tal como podemos habitá-lo para nele projetar nossas possibilidades. Trata-se da noção de “mundo do texto”. Para o filósofo, tanto a ficção como a poesia visam ao ser, mas não mais sob o modo do ser-dado e sim sob a maneira do poder-ser:

Sendo assim, a realidade cotidiana se metamorfoseia em favor daquilo que poderíamos chamar de variações imaginativas que a literatura opera sobre o real [...] A ficção é o caminho privilegiado da descrição da realidade, e a linguagem poética é aquela que, por excelência, opera o que Aristóteles, refletindo sobre a tragédia, chamava de a *mimesis* da realidade. A tragédia, com efeito, só imita a realidade, porque a recria através de um *mythos*, de uma “fábula”, que atinge sua mais profunda essência (RICOEUR, 1990, p. 57).

O texto é, para Ricoeur (1990), uma mediação pela qual nos compreendemos a nós mesmos e, nesse caso, compreender é, também, compreender-se diante do texto. Não se trata de impor ao texto sua própria capacidade finita de compreender, mas de expor-se ao texto e receber dele um si mais amplo, que seria a proposição de existência respondendo, da maneira mais apropriada possível, à proposição de mundo.

Considerações finais

Ante as considerações precedentes, salientamos que a hermenêutica é uma verdade que se estabelece dentro das condições humanas do discurso e da linguagem. Discutir essas questões é importante porque traz à luz narrativas e argumentos de primeira grandeza para a compreensão da condição humana e das características de um texto.

À vista disso, concluímos que os seres humanos, a rigor indeterminados em suas ações e pensamentos, compreendem-se entre si em uma linguagem viva, constituindo em parte sua própria condição e comunicando um mundo reconhecido de modo similar. A linguagem que permite o compreender humano não deve, contudo, ser considerada como análoga a um instrumento ou a uma ferramenta, pois a linguagem, de acordo com Gadamer (2008, p. 571), ela “[...] não é somente um, dentre os muitos dotes atribuídos ao homem que está no mundo, mas serve de base absoluta para que os homens tenham mundo”, ou seja, “nela se representa



mundo”.

Ricoeur (1990), por seu turno, entende que a compreensão humana está ligada aos sinais de humanidade depositados nas obras de cultura. O filósofo questiona, mais para reforçar seu argumento, o que se saberia do amor, do ódio e dos sentimentos éticos se não fossem referidos à linguagem e articulados pela literatura. Justamente o que parecia mais contrário à *subjetividade*, a textura do texto, agora aparece como o próprio *medium* em que o sujeito humano compreende a si mesmo.

O texto passa a ser, nos marcos dessa compreensão, mais que um caso particular de comunicação inter-humana, ele representa o próprio *paradigma* do *distanciamento* na comunicação. O distanciamento no texto não constitui simplesmente um problema para a interpretação, constitui, isso sim, justamente uma condição da interpretação. Nas palavras de Ricoeur (1990, p. 52): “[...] a interpretação é a réplica desse distanciamento fundamental constituído pela objetivação do homem em suas obras de discurso, comparáveis à sua objetivação nos produtos de seu trabalho e de sua arte”.

O texto é uma mediação pela qual nos compreendemos a nós mesmos. Compreender é compreender-se diante do texto. Não se trata de impor ao texto sua própria capacidade finita de compreender, mas de se expor ao texto e receber dele um si mais amplo, o que implica uma proposição de existência respondendo, da maneira mais apropriada possível, à proposição de mundo (RICOEUR, 1990).

Muitas narrativas a respeito do passado vem sendo constantemente recompostas entre os humanos no encaixe de pistas que possam ser esclarecedoras ou indiciadoras das pretensas veredas ao longo das quais se apresentaram eventos significáveis e memoráveis não só das vivências humanas, marcadas inapelavelmente pelas condições de historicidade e de finitude, mas também da inexorável natureza em movimento.

Em uma última análise, as considerações apresentadas neste texto reconhecem que é na linguagem que se constitui o mundo comum entre os humanos, no sentido de ela ser o *medium* universal em que se realiza a própria compreensão. Ou seja, reconhecem que a linguagem é a forma de realização da compreensão e da interpretação.

REFERÊNCIAS

CASSELL, Catherine; SYMON, Gillian. **Métodos qualitativos em pesquisa organizacional**. London: Sage, 1994.



GADAMER, Hans-Georg. **O problema da consciência histórica**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

_____. **Verdade e método**. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **Verdade e método: complementos e índice**. Petrópolis: Vozes, 2010.

PALMER, Richard. **Hermenêutica**. Lisboa: Edições 70, 1996.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologias**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1990.